

2130

HISTÓRIA DO REI CAPELO E DA LINDA FEITICEIRA



COLEÇÃO PÁTRIA — LIVRO NÚMERO SETE

4 v.

BOA ~ EDIÇÕES S. P. N. ~ 1938



E X - L I B R I S

COMPOSTO E IMPRESSO NOS GRANDES
ATELIERES GRÁFICOS «MINERVA», DE
GASPAR PINTO DE SOUSA & IRMÃO
VILA NOVA DE FAMALICÃO — 1938

LIVRO SETE

HISTÓRIA DO REI CAPELO
E DA LINDA FEITICEIRA

18681
(2)

Reinava em Portugal el-rei D. Sancho II, filho de D. Afonso II o *Gordo*. E a triste história que se vai contar aconteceu entre 1230 e 1250, isto é, há uns setecentos anos.

Chamavam a D. Sancho o *Capelo* (que quer dizer *Capuz*), porque gostava de se vestir sem luxo nenhum e um pouco à maneira dos frades. Tinha só dezasseis anos quando subiu ao trono e, à medida que foi crescendo, tornou-se um perfeito rapaz, bem parecido, rijo de corpo, bom cavaleiro e valente capitão, muito amigo de combates e de guerras.

Gostava de ouvir os velhos contarem histórias do seu avô D. Sancho I e do seu bisavô D. Afonso Henriques que tinham sido tão bravos contra os moiros e lhes tinham conquistado tantas terras; e andava sempre a cismar na maneira de alargar o seu reino para as bandas do Alentejo e do Algarve, e de alcançar fama de grande e valente guerreiro.

Tinha muitos bons amigos e sobretudo dois que lhe eram tão dedicados e a quem êle queria tanto como se fôsem seus irmãos. Chamava-se um deles Fernão Rodrigues Pacheco, e o outro Martim de Freitas. Havia muitos outros fidalgos capazes de darem a vida por êle, se preciso fôsse; e o povo também o estimava porque via nêle qualidades de coração e esperava que dali se fizesse um bom rei.

Apenas se viu homem, D. Sancho tratou de juntar suas tropas e de escolher seus capitães e aí vai êle com tôda a sua gente bem montada, bem armada e bem ensinada, a varrer de moiros o Alentejo. Cheio de alegria e fiado na vitória, rodeado de gente valente e resoluto, caiu em cima dos moiros com tal vontade que logo no primeiro ímpeto lhes tomou Elvas e Serpa; e, caminhando para o Sul com Deus por si, conquistou Moura, Aljustrel, Mértola, Tavira, Cacela... E assim, em poucos anos, limpou de moiros todo o Alentejo e boa parte do Algarve, e de tal maneira que as terras onde deitou as unhas — e foram bastas — nunca mais deixaram de ser portuguesas.

Feito isto, voltou para Coímbra a descansar e a dar folego às suas tropas, com idea de voltar a combater os moiros e a arrancar-lhes o resto do Algarve.

Ora um dia estando êle numa sala do palácio real com Fernão Rodrigues Pacheco e Martim de Freitas, disse-lhes assim:

— Não sei o que o coração me adivinha; quer-me parecer que nem viverei muito tempo, nem a minha boa sorte durará.

— Longe vá tal agouro, meu Senhor! — respondeu logo Rodrigues Pacheco.

— Deus esteve sempre connosco em tôdas estas guerras; e nunca a sorte nos foi contrária.

— Tenho muitos inimigos... — disse el-rei.



R. 18681
(2) v.



— Inimigos?! — exclamou Rodrigues Pacheco. — Inimigos de Vossa Alteza, só moiros; e êsses já sabem o que os espera...

Mas Martim de Freitas, interrompeu o amigo:

— Fernão, — disse êle — el-rei não deve pensar que morrerá novo e que será infeliz. São coisas que estão na mão de Deus. Mas que precisamos de estar àlerta, é bem certo. Se fôsses menos estouvado, Fernão, e desses mais atenção ao que se passa em redor de ti, verias que os Bispos e certos fidalgos andam descontentes.

— Também tu, Martim! — acudiu el-rei. — Agora vejo que isto não é imaginação minha. Fio-me no teu juízo e na amizade que me tens. Para falares assim deves ter boas razões. Anda má vontade no ar contra mim; e o teu coração sente-a como o meu.

— Mas porquê? Má vontade porquê? — perguntou Rodrigues Pacheco.

— Ora escuta, Fernão, — respondeu Martim, — tu bem sabes como el-rei D. Afonso II que Deus tenha em sua santa glória, assim como D. Sancho I e, antes dele, D. Afonso Henriques, deram terras, poder e riquezas aos Bispos e a certas ordens religiosas e a certos fidalgos. Assim foi preciso; foi com a ajuda deles que se levantou e cresceu o reino de Portugal. Mas à medida que o poder e a riqueza deles aumenta, cresce-lhes o mêdo de perderem tais bens e não vêem com bons olhos um rei que possa vir a mandar mais do que êles. El-rei aqui presente, a-pesar-de bem novo ainda, tem já feito tais coisas nos campos de batalha e tem ganho tanta fôrça, que êles andam com mêdo e prepararam-se para se defender... Não é segrêdo nenhum que o povo e muitos e bons fidalgos gostam mais de el-rei que dos Bispos. Mas eu sei, por boas portas travessas, que se os Bispos arranjam boas razões contra el-rei, acharão boa ajuda no seu irmão o infante D. Afonso, conde de Bolonha...

— Meu irmão?! — exclamou el-rei.

E de repente desatou a rir.

— Isto agora já me agrada mais. Gosto das coisas claras. O que me rala é sentir inimigos e não saber onde estão nem o que vão fazer. Muito obrigado, Martim; vejo que tens tido os olhos abertos e, graças a ti vejo contra quem me devo defender. Mas tenho uma coisa contra mim: é que êles são manhosos e eu não. Vêem o meu jôgo e eu não vejo o deles.

Dizendo estas palavras, el-rei foi sentar-se no poial da janela que dava para a praça; e ficou-se a olhar para fora, distraidamente.

Defronte do palácio havia a portada de uma capela e era domingo e hora da missa.

De repente el-rei chamou Fernão e Martim que tinham ficado no fundo da sala.

— Vinde, depressa... Quem é aquela fidalga?

E mostrava-lhes uma senhora que ia entrando na capela com acompanhamento de damas e pagens como pessoa de alta categoria.

— E' D. Mécia Lopes de Haro, — disse Fernão, — uma das mulheres mais lindas que tenho visto em dias de minha vida.

— De luto? — perguntou el-rei. — Tão nova e já viúva?

— Viúva de D. Álvaro Pires de Castro, filho de D. Pedro de Castro, chamado o Castelão e que foi morto em Marrocos. E' filha de D. Lopo, conde de Biscaia, e tem sangue real nas veias.

— Já sei quem é! Já sei quem é! — exclamou el-rei. — E' minha prima. Agora me lembro de me terem dito que era esperada em Coímbra; que vinha ao convento de Celas visitar uma tia freira. E' minha prima em quarto grau.

— Quarto grau! — disse estouvadamente Fernão a rir. — Se Vossa Alteza quisesse casar com ela, não podia fazê-lo sem dispensa de Sua Santidade o Papa.

— E quem me havia de impedir? — perguntou el-rei cheio de soberba.

— Os Bispos, meu Senhor, — respondeu Martim gravemente.

El-rei calou-se, ficou a pensar algum tempo, e, erguendo-se de repente, disse:

— Vamos à missa!

Pegou na gorra e saiu apressadamente.

Fernão e Martim seguiram-no. E, como el-rei lhes levava boa dianteira, trocaram um olhar aflito pois conheciam os ímpetos de D. Sancho; e Martim disse baixinho:

— Não gosto disto. Esta missa hoje pode levar-nos muito longe.

Fernão encolheu os ombros e sorriu com o seu modo descuidado.

— Pensas sempre no pior, Martim, — disse êle. — El-rei gosta de mulheres bonitas; e D. Mécia Lopes é linda como os anjos. Não há aqui mais nada.

Mas Martim abanou a cabeça e repetiu:

— Não gosto disto...

* * *

Tudo quanto se dizia da lindeza de D. Mécia ficava longe da verdade. Alta e esbelta, cada passo que dava, cada gesto que fazia eram cheios de graça.

Tinha grandes olhos negros que longas pestanas assombrevam; e o riso da sua boca vermelha parecia uma flor que abria de repente, por milagre. Não havia um movimento do seu corpo, das suas mãos, da sua cabeça airosa, que não tivesse tanto encanto como um bruxedo. Quem a visse e a ouvisse uma vez, nunca mais a podia esquecer.

El-rei viu-a na missa e encontrou-a em mais algumas ocasiões e conversou com ela, e deu uma festa no palácio e dançaram os dois tão bem que tôda a gente ficou pasmada de ver um par tão perfeito. El-rei perdeu-se de amor por D. Mécia.

Um dia chamou à parte Fernão e Martim e disse-lhes:

— Amigos, preciso falar a sós com D. Mécia e perguntar-lhe se ela me quer receber, pois não posso mais viver assim com êste cuidado e com esta paixão.

— Casar com D. Mécia, meu Senhor! — exclamou Martim todo aflito. — Mas não pode ser! Valha-me a Virgem Santa!

E explicou-lhe que, sendo D. Mécia sua prima em quarto grau, não podia casar com ela sem dispensa do Papa, e que essa dispensa nunca os Bispos a deixariam dar, porque D. Mécia era viúva e não faltaria quem dissesse que um rei de Portugal não podia casar com a viúva de um filho de D. Pedro de Castro, que fôra bom fidalgo mas não tinha sangue real. E de tôdas estas razões os Bispos tirariam proveito e haveria muitas desgraças.

El-rei ouviu tudo sem dizer palavra, e por fim respondeu:

— Tens visto uma terra de pão em ano de seca, Martim? Sabes como é: o trigo a morrer de sêde; o chão duro como rocha, ressequido, gretado; as plantas queimadas como se o fogo ali tivesse passado; e nem um bago nas espigas mortas. De que serve dizeres a essa terra que dê pão, se não lhe dás chuva nem orvalho? O que ela quere é a água do céu; se não lha derem, morre a ceara. Assim estou eu, Martim, abrazado de amor, ressequido e quei-

mado de paixão. E dizes-me que é preciso viver sem água, quando estou a morrer de sede!

Martim baixou os olhos e não respondeu; mas Fernão avançou para el-rei num ímpeto.

— Por Deus, meu Senhor! — exclamou êle, — deixemos os Bispos e os fidalgos traidores armar suas intrigas e maldades. Case Vossa Alteza com D. Mécia e veremos depois. Não faltarão boas e leais espadas para abrir caminho à felicidade de el-rei!

— Perdoai-me, Senhor, — acudiu Martim. — O que disse a Vossa Alteza, pareceu-me obrigação minha dizê-lo; mas agora que Vossa Alteza respondeu às minhas razões com razão mais forte, aqui estou para obedecer em tudo ao meu rei e servi-lo enquanto tiver uma gota de sangue nas veias.

El-rei respondeu:

— Martim, és um bom amigo; e como prémio de tudo que fizeste na guerra contra os infiéis, ao meu lado, e por mais esta prova de lealdade que acabas de me dar, te entrego o Castelo de Coímbra para que mo guardes e defendas, e as terras que lhe pertencem para que delas tires o proveito que mereces.

E voltando-se logo para Fernão, fêz-lhe ali igualmente mercê do Castelo de Celorico da Beira. Os dois castelos eram fortes e ricos, dos melhores de Portugal.

Disseram-lhe os dois que muito lhe agradeciam tão alto prémio aos seus serviços e que saberiam ser dignos dele; mas que tudo que tinham feito e fariam não era com idea de proveito, mas pelo muito amor que tinham ao seu rei e à terra de Portugal.

Nessa tarde montou D. Sancho a cavalo na companhia dos seus dois amigos e de mais alguns fidalgos e escudeiros e foi ao convento de Celas. Aí, com licença da Superiora, conversou no Claustro, longamente, com D. Mécia.

As horas foram passando e os dois namorados não deram por elas. Desapareceu o sol e ergueu-se a lua e os rouxinóis principiaram a cantar. Espalhavam-se no ar perfumes de rosas e de jasmims. D. Mécia sentada, el-rei de joelhos segurando-lhe e beijando-lhe as lindas mãos, ambos esqueciam tudo que não fôsse o seu grande amor.

Defronte da portada do Convento, os fidalgos e escudeiros faziam boa guarda e afligiam-se de tanta demora que podia dar escândalo. E, como o sossego e o silêncio da noite se espalhavam cada vez mais sobre a terra, ouviram de repente um tropel de cavalos e viram um trôço de cavaleiros que se aproximavam.

— E' gente do Bispo de Coímbra, — disse Fernão a Martim.

— A' espera disto estava eu, — respondeu Martim.

Um dos cavaleiros avançou para os de el-rei e perguntou que estavam ali fazendo. E disse que vinha do mando do Bispo.

Os cavaleiros de el-rei responderam que não tinham que dar contas senão ao seu Senhor e, palavra puxa palavra, cada partido pegou das espadas e ali se envolveram em briga acêsa. Dois homens ficaram mortos e três mal feridos antes que os de el-rei pusessem em debandada os cavaleiros do Bispo.

A lua ia já no alto do céu quando el-rei se separou de D. Mécia e, juntando-se aos seus companheiros, montou a cavalo sem dizer palavra e tomou o caminho de Coímbra.

Fernão e Martim começaram logo a contar-lhe o que sucedera. El-rei parecia ouví-los com atenção, mas no fim, disse-lhes:

— Os seus olhos são de veludo; a sua bôca é um favo de mel; o perfume do seu cabelo embebeda como um vinho forte...

— Meu Senhor, — interrompeu Martim, — ficaram mortos dois cavaleiros do Bispo...

Mas el-rei não o deixou continuar.

— Martim, — disse êle — a lua envolvia-a tôda como um banho de leite. No seu colo brilhavam diamantes... como estrêlas. As suas mãos são macias e brancas de neve.

Fernão e Martim não disseram mais nada. Viram que el-rei estava perdido de amor, e que não havia mais nada no mundo para êle senão uns olhos de veludo e umas mãos de neve.

— Valha-nos Deus! — suspirou Martim ao saltar do cavalo defronte do palácio real, — que el-rei está enfeitado!

* * *

Daí a umas semanas casou el-rei com D. Mécia Lopes, sem pedir a dispensa ao Papa.

Foi uma grande festa. Houve um banquete que ficou falado e tantos divertimentos, danças e folganças, tanto no palácio como nas ruas, que os que assistiram a tais festejos nunca mais os puderam esquecer.

Nas praças assavam-se vacas e carneiros inteiros para o povo, e corria vinho com fartura e havia montes de pão. E o povo abençoava o seu rei e a sua rainha e achava que não havia no mundo outros melhores.

Martim de Freitas e Fernão Rodrigues Pacheco ralavam-se de cuidados e receios no meio de tudo isto; tanto êles como os outros fidalgos e amigos de el-rei, bem viam que os Bispos e os fidalgos contrários andavam de má fé. Mas que haviam de fazer? El-rei não lhes dava ouvidos e não queria saber senão daquele grande feitiço de amor que lhe tolhia o coração.

Depois do casamento as festas continuaram. D. Mécia gostava de se divertir e de brilhar. Era nova, linda e cheia de alegria; o que ela queria eram danças e música e passeios, e lindos vestidos e jóias. El-rei só se apartava dela para ir à caça; e à volta rodeado de grande chusma de fidalgos, escudeiros, falcoeiros, monteiros, no meio do latido das matilhas, fazendo tremer o chão sob as patas dos cavalos e acompanhado de grande estrondo de trombetas, mandava amontoar no pátio do palácio as peças de caça grossa: javalis medonhos, e grandes veados, e até lóbos e ursos. E D. Mécia aparecia tôda risonha e linda como um nascer do sol; e juntava aquelas mãos de neve onde brilhavam ricos anéis, e dizia cheia de admiração:

— Ai, meu Senhor! Tantos animais bravos e ferozes que Vossa Alteza matou! Não há em tôda a terra um rei mais valente, mais forte, nem melhor caçador que o rei do meu coração!

E ria; e os dentes eram como pérolas encastoadas no coral daquela bôca em flor. El-rei, doido de amor, abraçava-a e beijava-a e subia a escadaria a correr com ela ao colo como se levasse nos braços rijos, um feixe de plumas.

No meio dêstes continuados divertimentos D. Sancho não encontrava tempo nem vontade para atender às coisas do reino. Descuidava-se do govêrno do Estado e da justiça; perdia o sentido das suas obrigações. Os fidalgos da parte dos Bispos e de combinação com êles, não faziam senão animar el-rei

naquele mau caminho; estavam sempre a inventar mais festas, músicas, banquetes, caçadas, jogos e torneios, para o distrairem do govêrno e enfraquecerem assim o seu poder.

Entretanto os Bispos mandavam cartas e emissários em segrêdo ao irmão de el-rei, o infante D. Afonso que casara em França com a condessa de Bolonha; e iam recados e embaixadores a Roma com mil queixas contra o Govêrno de D. Sancho e contra as suas loucuras e o seu casamento escandaloso.

E por fim começaram a vir cartas do Papa, avisando D. Sancho e aconselhando-o a mudar de vida; e, como êle nem respondesse, veio carta do Papa dizendo que devia separar-se da sua mulher porque casara sem dispensa.

El-rei não fazia caso e continuava na mesma vida. Mas, de repente, appareceu um emissário do Papa encarregado de o excomungar e de lançar o interdito em todo o reino. Ora isto queria dizer que não havia mais licença em Portugal de abrir igrejas, de dizer missa, de baptizar, de casar, de confessar, de dar a comunhão nem de levar os últimos sacramentos aos moribundos.

O povo que era religioso quando viu as igrejas fechadas e abandonadas e os padres sem licença de lhe acudir com os sacramentos, começou a afligir-se muito. Todos os dias vinha muita gente para defronte do palácio, chorando e gritando a pedir a el-rei que mudasse de vida e que se lembrasse do seu povo. E que mandasse embora a rainha; que era ela que o enfeitiçara; que por causa dela Deus castigava a gente portuguesa. E afinal D. Mécia nem já podia sair do palácio sem que aquela gente a insultasse e a ameaçasse.

D. Sancho viu-se tão apoquentado que escreveu ao Papa a pedir-lhe perdão e fazendo mil promessas de se emendar.

O Papa levantou o interdito ao reino e a excomunhão ao rei. Durante algum tempo, D. Sancho atendeu um pouco mais às suas obrigações do govêrno e da justiça; mas isto durou pouco. Estava acostumado aquella vida descuidada, só de folganças, e cada hora que passava longe de D. Mécia era para êle de aborrecimento e de tristeza. A pouco e pouco foi caindo na mesma.

— Está enfeitiçado sem remédio. — dizia o povo.

Os ladrões e outros malfeitores, vendo que el-rei descurava a justiça e que o mal ficava sem castigo, começaram a perder o mêdo. Juntavam-se em bandos e roubavam os bens das igrejas e atacavam os haveres dos Bispos.

Quando lhe vinham contar estas coisas, D. Sancho, largava-se a rir:

— Deixa lá! Deixa lá! Os Bispos são ricos!

E para esquecer cuidados, emborcava um pichel de vinho. Não se esquecera da intriga dos Bispos e do interdito, e regalava-se de os ver castigados.

— Ai, meu Senhor, meu Senhor! — dizia Martim de Freitas. — Vossa Alteza vai por caminho arriscado e está fazendo o jôgo dos seus inimigos!

— Arreda, ave agoirenta! — respondia el-rei com uma gargalhada. — Só uma coisa importa neste mundo: é o meu amor, que não há outro mais lindo na terra!

E voltando-se para a rainha, cobri-a de beijos.

Martim saía do palácio, cabisbaixo e sucumbido de tristezas e receios.

E assim se passaram alguns anos e tudo no reino ia de mal a pior.

Os Bispos, pela calada, iam tecendo a sua teia. E afinal tinham razão; as coisas não podiam continuar assim; era preciso salvar o reino de Portugal.

O Papa, que andara ocupado com outros negócios, recommçou a dar atenção às queixas dos Bispos; e tornaram a vir cartas de Roma para el-rei: que se separasse de D. Mécia; era sua prima em quarto grau e casara sem dispensa: o casamento não valia.

D. Sancho não queria saber dessas cartas; atirava-as para o lume e não pensava mais nelas. E quanto mais o arrelivavam com avisos, conselhos e ameaças, mais êle se desprendia das suas obrigações de rei e mais as esquecia enchendo o seu tempo com divertimentos, passando dias inteiros com a rainha, cada vez mais enlevado no seu amor.

E o povo dizia:

— Que feitiço ela lhe deitou!

. . .

Um dia partiu D. Sancho para a caça, como costumava, e ficou D. Mécia no palácio, em Coímbra, com suas aias e cavaleiros.

Estas montarias duravam uma semana e, às vezes, mais. Partira el-rei havia apenas três dias quando, ao anoitecer, uma das aias entrou, correndo, no aposento da rainha, e disse que vinha chegando à praça defronte do palácio uma grande partida de fidalgos acompanhados de muitos homens de armas, todos a cavalo.

D. Mécia, alvoroçada com a notícia e assustada, cuidando que era gente de el-rei e que alguma desgraça acontecera para assim voltarem tão cedo, desceu à pressa a escadaria e mandou abrir a porta. Logo entrou por ali dentro uma chusma de fidalgos; e um deles, que a rainha muito bem conhecia, por ser do partido dos Bispos contra el-rei, caminhou para ela com muito desembaraço e disse-lhe:

— Somos todos aqui fidalgos e portugueses e temos sobejas queixas contra Vossa Alteza por ter enfeitado el-rei que não quer saber dos seus deveres. E vimos aqui para acabar com tal vergonha.

A rainha, que era animosa, voltou-se para as suas aias e disse:

— Onde estão os guardas de el-rei e os bons cavaleiros que êle aqui mandou ficar para me defenderem?

Mas o tal fidalgo não a deixou continuar. Tirando dos ombros o manto que trazia, embrulhou nêle a rainha e, tomando-a nos braços, levou-a de roldão para fora do palácio.

Os cavaleiros de el-rei tinham logo acudido, mas os outros eram dez vezes mais numerosos e estavam montados e bem armados e o palácio todo cercado. Logo foram presos e não puderam nada contra a gente dos Bispos.

Martim Gil içou a rainha para cima do seu cavalo e montando a seguir e levando-a bem apertada contra si, abalou a galope acompanhado por muitos outros fidalgos. A gente dos Bispos só se retirou do palácio quando os outros iam já longe e ninguém sabia para onde.

Logo naquela noite partiram estafetas a levar a notícia a el-rei que ficou doído de cólera e de paixão. Voltou para Coímbra a mata-cavalos, juntou todos os fidalgos seus amigos e quanta gente de armas pôde, e abalou à procura da rainha. E soube que a tinham levado para o seu castelo de Ourém.

Chegado lá com a sua gente, encontrou o castelo bem defendido e não lhe quiseram entregar a rainha. E aí se bateram portugueses contra portugueses com grande fúria; e houve muitos mortos e feridos de um lado e de outro. Mas durante o combate, a rainha, por manhas e ardis, foi levada para a Galiza e tão bem escondida que el-rei nem lhe pôde ir no encaço nem saber onde ela estava.

Voltou D. Sancho para Coímbra mais morto do que vivo, separado da sua

adorada D. Mécia, sem esperanças de a tornar a ver e sem saber sequer se era viva ou morta. Aquela vida de prazeres em que andava havia uns poucos de anos, tinha-lhe tirado a fôrça do ânimo. Caiu numa grande melancolia.

Pouco tempo bastou para fazer dele um outro homem. Quem o visse tão triste e abatido, mal podia conhecer nêle o rei valente e animoso que vencera tantos moiros e lhes conquistara tantas terras. Passava horas sentado à janela com o olhar perdido ao longe sem ouvir o que lhe diziam. Não tinha vontade de comer e, de noite, não podia dormir.

Fernão Rodrigues Pacheco e Martim de Freitas não o largavam e faziam tudo quanto podiam para o arrancar aquêles doridos pensamentos; mas o rei definhava e entristecia cada vez mais.

Quando os Bispos e os fidalgos do seu partido viram as coisas em tal ponto, mandaram embaixadores ao Papa a contar-lhe tudo que se passava e pedindo ao Santo Padre que lhe desse remédio. O Papa respondeu que escolhessem regente para o reino de Portugal; e os Bispos que já tinham tudo combinado com o infante D. Afonso, irmão de el-rei, logo o propuseram ao Papa, que o aceitou como regente do reino.

Os embaixadores partiram para Paris onde se encontraram com o Infante. Aí, diante deles e na presença de muitas pessoas importantes da França, o Infante D. Afonso fêz um solene juramento sôbre os Santos Evangelhos de tomar conta do govêrno de Portugal e de cumprir e fazer cumprir à nobreza, ao clero e ao povo, todos os bons costumes e leis do reino, para bem de todos e serviço de Deus.

Feito isto e tendo o Papa mandado suas bulas em que nomeava regente do reino o Infante D. Afonso, êste despediu-se de sua mulher, a condessa Matilde, que era do sangue dos reis de França, deixando-lhe o govêrno e posse de muitas terras que tinha. E depois montou a cavalo e, com grande e luzido acompanhamento, meteu-se a caminho.

Ao chegar à fronteira de Portugal, logo foi mandada uma proclamação às cidades e castelos e concelhos, anunciando que o Infante vinha reger o reino por vontade dos portugueses e ordem do Papa. E na mesma ocasião o Infante D. Afonso mandou uma carta a el-rei D. Sancho, seu irmão, onde dizia que vinha a pedido dos principais do reino, e do povo, e por mandado do Papa; não para ser rei, mas só para reger e governar o reino e fazer cumprir as leis que se não cumpriam; e que prestaria homenagem a seu irmão como a seu verdadeiro rei e senhor.

Estava el-rei em Coímbra quando recebeu esta carta e, ao mesmo tempo, a notícia de que seu irmão vinha entrando em Portugal com grande contentamento das cidades e vilas por onde passava e que tôdas se lhe entregavam. Ao saber estas coisas D. Sancho acordou de repente daquele torpor e melancolia em que tinha caído. Levado por um arremêso de fúria, juntou alguns fidalgos que lhe tinham ficado fiéis e partiu com êles para Castela a pedir ao rei D. Fernando II, seu primo co-irmão, que lhe valesse contra o Infante.

D. Fernando de Castela logo lhe prometeu sua ajuda e mandou a seu próprio irmão que fôsse com D. Sancho e deu igual ordem a grandes e poderosos fidalgos de Castela que logo partiram com muita gente de armas.

Mas os Bispos de Portugal, ao terem disto conhecimento, mandaram recado ao Infante de Castela e aos mais fidalgos daquele reino, que por bula do Papa seriam todos excomungados se fizessem guerra contra o Infante D. Afonso. E como, por outro lado, já Portugal inteiro aceitara o Infante D. Afonso como

regente do reino, os espanhóis perceberam que nenhum proveito tirariam de tal guerra e voltaram para Castela sem ir mais avante.

Vendo-se d'este modo abandonado pelos espanhóis e pelo seu próprio povo, el-rei D. Sancho reconheceu que nada podia fazer para sua defesa; mas não quis sujeitar-se a seu irmão e, sôzinho, triste e doente, foi para Toledo com idea de aí acabar seus dias.

* * *

Era bem certo que tôdas as cidades, vilas e castelos de Portugal se tinham rendido ao infante D. Afonso, menos dois castelos: o de Coímbra que era governado por Martim de Freitas e o de Celorico da Beira, governado por Fernão Rodrigues Pacheco. Esses dois não se renderam. Não houve cartas, nem avisos, nem ordens, nem ameaças do Infante nem dos Bispos, capazes de quebrar a vontade daqueles dois homens leais. A tudo respondiam que das mãos de el-rei D. Sancho, seu Senhor, tinham recebido as chaves dos castelos; que a êle tinham feito juramento de os guardar e defender; e que só em suas mãos as entregariam ou, por sua ordem, as entregariam a outro. Tal era a sua resolução e de tamanha fôrça que dela não se afastariam nem por excomunhão, nem por cercos, nem outros trabalhos ou tormentos.

Vendo o infante D. Afonso que não os levaria a bem, determinou de cercar e atacar os dois castelos e tomá-los à fôrça. Começou pelo de Celorico; e êle próprio com suas tropas o foi cercar. Muitos e rijos ataques se fizeram contra aquela fortaleza; não faltou valentia, nem vontade, nem gente que era muita e de boa qualidade, nem armas, nem máquinas de guerra. Mas o Castelo de Celorico era muito forte e a gente que o defendia boa, leal e bem armada. Os ataques dos de fora não serviam de nada; todo o seu estôrço se quebrava contra aquelas muralhas e contra a valentia dos que as defendiam. Isto durou muito tempo; e o Infante resolveu não fazer mais ataques e manter simplesmente o cerco até que a fome obrigasse os de dentro a render-se.

Certo era que a fome se fazia já muito duramente sentir dentro do castelo. As provisões estavam acabadas e aquela gente comia ervas e ratos e o que podia apanhar e havia já muitas doenças e aflições.

Ora um dia, logo ao romper da alva, Fernão Rodrigues Pacheco levantou-se e foi passear sobre as muralhas cismando na sua vida. De um lado via a agonia e tormentos que os seus companheiros e suas famílias sofriam e a morte que os esperava; do outro havia o seu juramento a el-rei D. Sancho, ao qual não queria faltar. Nesta aflição pediu a Deus que lhe acudisse e o inspirasse sôbre o que devia fazer. E, como levantasse os olhos ao céu, viu uma águia real que voava por cima do castelo, segurando nas garras uma grande truta. Seguiu-a com o olhar, pasmado de a ver voar tão baixo e do tamanho da truta que levava. E nisto a águia, ou porque viesse ferida, ou doente, ou por milagre, pareceu perder as fôrças e deixou cair a truta. Era um peixe enorme e ainda não acabara bem de morrer.

Fernão mandou-a cozinhar com grande cuidado e do resto da melhor farinha que guardara para algum doente, mandou fazer um grande pão. E quando tudo isto se aprontou, mandou pôr a truta e o pão numa grande bacia de prata bem embrulhada numa toalha de linho fino e enviou êste presente ao infante D. Afonso com o seguinte recado: — que bem podia continuar o cêrco o tempo que quisesse, mas se cuidava que o castelo de Celorico se renderia pela fome, bem via quanto se enganava; pois homens que tinham tais manjares com fartura, pouco se importavam de estar cercados nem seria a fome que os levaria a faltar ao juramento de lealdade que tinham feito a el-rei D. Sancho seu senhor.

O Infante ficou pasmado e desanimou de alcançar o castelo. Levantou o cêrco dali, esperando que mais tarde conseguiria de outro qualquer modo o seu fim, e foi para Coímbra, cercar o Castelo defendido por Martim de Freitas.

Apenas chegou a Coímbra o Infante mandou recado a Martim de Freitas que lhe entregasse o castelo; que se o fizesse a bem lhe daria grandes prêmios e recompensas; e se não, que lho tomaria à fôrça com grandes perdas e castigos para êle.

Martim respondeu: — que o Infante podia cumprir sua vontade e fazer o que quisesse, mas que ficasse bem certo de que, emquanto el-rei D. Sancho fôsse vivo, o castelo de Coímbra só a êle seria entregue. E que escusava o Infante de o ameaçar, porque estava resolvido a sofrer tudo de boa vontade a-fim-de cumprir inteiramente o seu dever.

O Infante pôs cêrco ao castelo e com grande fúria e por várias vezes e diferentes maneiras o assaltou; mas os defensores eram de tal qualidade e o castelo de tal fôrça, que os assaltantes se viram sempre repellidos com grandes perdas. O Infante, muito aborrecido e zangado, fêz então um grande juramento a Deus de não levantar dali o cêrco até que pelas armas ou pela fome e sêde Martim de Freitas rendesse o castelo. E assim fêz. O cêrco prolongou-se tanto que os de dentro já não tinham que comer nem beber. Cavalos, burros, cãs, gatos, ratos, ervas, e até os coiros dos animais mortos, tudo foi comido por aquela gente esfaimada. Mas o pior de tudo era a sêde.

Um dia, passando Martim numa praça, vieram ao seu encontro fidalgos e povo clamando que não podiam mais, que não agüentavam mais aquêle grande sofrimento; e disseram-lhe que tal façanha era vã, que teria de se render, que o reino inteiro estava nas mãos do Infante e que o Castelo caíria por fim como o resto.

Martim respondeu:

— Amigos, nunca Deus queira que, obedecendo a êsse vosso conselho, eu lance tal mancha na minha honra e vós na vossa. Não somos os primeiros que padecemos tais tormentos. Não penseis nas dores e aflições que agora estamos sofrendo, mas sim na satisfação que virá depois, de termos cumprido o nosso dever de lealdade; e, se morremos, pensai na fama e exemplo que deixaremos. Não nos renderemos. As chaves dêste castelo só serão entregues a quem mas entregou. De um lado morrer, de outro atraíçoar; amigos, mais vale morrer honrados.

Com estas palavras ficaram todos em grande admiração e ali responderam que saberiam ser dignos de tal capitão; que, por maiores que fôssem os tor-

mentos, o não abandonariam e que estavam prontos a morrer com êle e a salvar assim suas honras.

Ora aconteceu por êste tempo, que estando el-rei D. Sancho em Toledo havia já um ano e quatro meses, cada vez mais triste e doente de corpo e alma, por fim ali acabou sua triste vida.

O Infante D. Afonso que ainda se encontrava no cêrco do castelo de Coímbra, assim que recebeu a notícia da morte de el-rei seu irmão, mandou juntar grande quantidade de carne, pão, vinho e muitas outras provisões e as mandou entregar a Martim de Freitas com êste recado: — que el-rei D. Sancho era falecido e que lhe daria liberdade e tempo de ir certificar-se dêste acontecimento ou de mandar pessoa da sua confiança. Que, sob a sua palavra de honra, lhe prometia de não assaltar o castelo na sua ausência.

Martim de Freitas escolheu ir êle próprio a Toledo certificar-se da morte de el-rei D. Sancho.

Partiu levando na sua companhia três fidalgos da sua confiança.

Chegando a Toledo, muita gente o certificou da morte de D. Sancho e muitos que tinham estado presentes no seu entêrro. Mas nada disto contentou Martim. Levando na sua companhia os fidalgos portugueses que com êle tinham vindo e convidando outros, espanhóis de categoria, mandou abrir a campa onde estava o corpo do seu rei. Tendo-o visto e reconhecido, ajoelhou ao seu lado com muitas lágrimas e encomendou a sua alma a Deus. E depois, pegando nas chaves do Castelo que comsigo trouxera, colocou-as nas mãos do morto, dizendo:

— A mais ninguém, meu Senhor, as entregaria, se não fôsse a vossa morte. E como Vossa Alteza as não pode já aceitar, as darei ao seu herdeiro legítimo que só agora tem direito de mas pedir.

Pegou então de novo nas chaves, mandou cerrar a campa de el-rei D. Sancho e escrever um documento onde tudo isto era contado e que foi assinado por muitas testemunhas.

Feito isto voltou a Coímbra e secretamente entrou no Castelo. No dia seguinte mandou recado ao Infante dizendo-lhe que podia entrar no Castelo quando quisesse, pois estava pronto a entregar-lhe as chaves.

O Infante D. Afonso, mal recebeu êste recado, foi logo ao Castelo. Martim abriu-lhe as portas e ajoelhando diante dele, disse-lhe assim:

— Senhor, já que foi da vontade de Deus que vosso irmão, el-rei D. Sancho, meu Senhor, falecesse, e que eu o vi morto com meus próprios olhos, tomai estas chaves que agora vos pertencem, e o vosso castelo de Coímbra. E daqui por diante vos servirei e vos terei por meu rei e senhor.

E logo mostrou ao Infante o documento que mandara escrever em Toledo, para descargo da sua consciência.

Entre os fidalgos que ali estavam, um perguntou a Martim, porque razão não pedia perdão a D. Afonso de não lhe ter obedecido e de lhe ter causado tantos desgostos e lhe ter ferido e morto tanta gente na defesa do Castelo.

Mas o Infante acudiu logo dizendo que Martim não tinha que pedir tal perdão porque não cometera nenhum êrro, mas sim uma façanha digna de bom cavaleiro e de leal fidalgo. E que, em tão boa conta tinha Martim que lhe

tornava a entregar o Castelo pedindo-lhe que lho guardasse e defendesse como o fizera para seu irmão. Mas Martim não o quis aceitar e naquela mesma hora dali saiu e se foi para a sua casa.

O Infante entregou o Castelo a outro fidalgo e partiu para o de Celorico da Beira. Fernão Rodrigues Pacheco já era sabedor da morte de D. Sancho e por isso logo entregou também o Castelo ao Infante que pouco depois, visto D. Sancho não ter deixado filhos, foi aclamado rei com o nome de D. Afonso III.

Da rainha D. Mécia nunca mais ninguém teve notícia. Uns disseram que fôra assassinada, outros que morrera de morte natural, de tristeza e saüdade; e houve também quem contasse que se fizera freira. Mas da verdade ninguém foi sabedor.

E assim acabou a triste história do rei Capelo e da linda raínha que o enfeitiçou. Mas nenhum português deve esquecer os nomes de Fernão Rodrigues Pacheco e de Martim de Freitas, pois dois corações mais valentes e leais nunca houve e nem pode haver.

A SEGUIR:

HISTÓRIA DA RAÍNHA SANTA
E DO REI LAVRADOR



S. P. N.

*Virgínia de Castro e Almeida escreveu ;
o S. P. N. mandou dar à estampa.*

S. P. N.

BN



WFC0000708939

L. 21093